

PISCINAS NATURAIS

CARTÃO-POSTAL AMEAÇADO

IMA estima que 85% da biodiversidade contida nos ambientes recifais está em extinção

THIAGO GOMES
POLLYANNE COSTA
REPORTERES

O principal cartão-postal da cidade de Maceió está ameaçado. Considerados um dos atrativos turísticos mais explorados em Maceió, os recifes de coral que ficam na área das piscinas naturais da Pajuçara estão cada vez mais deteriorados. O Instituto do Meio Ambiente (IMA) estima que 85% da biodiversidade contida nos ambientes recifais está em extinção. A pesca predatória, contatos das âncoras das embarcações, poluição, sedimentação e o pisoteio por parte dos frequentadores são alguns dos fatores que estão contribuindo para a degradação do local.

O recife da Pajuçara ocupa uma área de 38 dos 676 hectares da enseada. Nele, está o ambiente onde a exploração turística é mais acentuada a cada ano que passa. As piscinas têm área de 0,29 hectares e, conforme estudos e pesquisas de campo feitas pelo IMA em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), cerca de 40% dessa área recifal está em decadência. A faixa norte das piscinas, a mais rasa, tem o quadro

mais agravado. "Fizemos dois estudos para avaliar a biodiversidade dos recifes de corais das piscinas naturais da Pajuçara, utilizando como marco comparativo os recifes da Praia de Paripueira, um ano passado e outro em 2010, com a Ufal, e constatamos que havia uma degradação muito grande em toda a área; um declínio de 85% na biodiversidade", revelou Ricardo César, coordenador do Programa de Gerenciamento Costeiro do IMA.

Por causa disso, o instituto resolveu criar uma área de exclusão para pesca, turismo, recreação e fundeio de embarcações no recife denominado Piscina do Amor, que fica a 1,3 km da praia. Com extensão de 42 hectares, a área é a menos utilizada por turistas, e a proposta está sob análise do Conselho de Proteção Ambiental de Alagoas (Cepam). A área foi batizada com esse nome porque os pescadores costumavam levar as namoradas para a piscina quando a maré estava baixa e só retornavam para a praia no fim da tarde.

"Escolhemos excluir esta piscina natural da rota de pesca e turismo porque, estrategicamente, ela está localizada entre os dois principais bancos recifais da Pajuçara. Não vai afetar o turismo e deve ser preservada porque está menos comprometida, já que está começando a ser explorada", explicou César.

Os principais objetivos da criação dessa área de exclusão são a preservação e a recuperação da biodiversidade local, a recuperação da biodiversidade em áreas adjacentes, a recuperação dos estoques pesqueiros, a manutenção dos atrativos turísticos e a preservação da estrutura física



Exploração turística desordenada põe em risco a vida marinha

do topo recifal. "Após a aprovação do Cepam, a autorização para criar a zona de exclusão será publicada no Diário Oficial do Estado e começa a valer", explica Ricardo César.

De acordo com o IMA, depois que a área estiver demarcada com as 60 placas e boias sinalizando a proibição, as penalidades para quem invadir o recife são a aplicação de multas e a apreensão de material, a depender do nível de gravidade da infração.

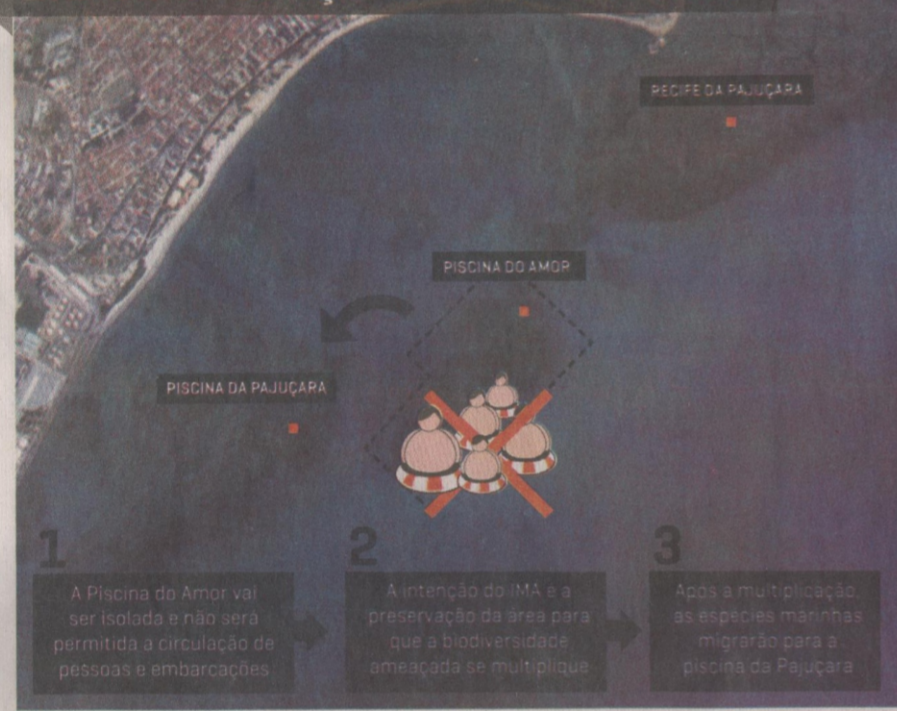
Pela explicação do coordenador, a degradação ocorre porque as pessoas que frequentam as piscinas andam sobre os recifes, que são muito frágeis. "Os recifes são organismos vivos muito frágeis, formados por colônias de pequenos animais, que com as algas dão coloração e sustentação aos recifes. Na maré baixa, as pessoas costumam explorar a área por meio de bicicleta, jet-skis, lanchas, e começaram agora com stand-up paddle e caiaque, contribuindo ainda mais para a degradação", reforça.

As principais sob ameaça compõem diversos organismos marinhos, corais, peixes, moluscos, crustáceos, esponjas e ouriços, como *Ophioblennius trinitatis*, *Gymnothorax vicinus*, *Elacantius Figaro*, entre outras.

ESPÉCIES

O órgão ambiental prevê que, com a exclusão da Piscina do Amor da rota das piscinas naturais da Pajuçara, em dois anos será possível recuperar a biodiversidade e o retorno de diversas espécies ameaçadas em extinção.

ENTENDA AS MUDANÇAS NAS PISCINAS NATURAIS



ALGUMAS ÁREAS JÁ NÃO TÊM MAIS ESPÉCIES

A Ufal fez dois estudos sobre esta área da Pajuçara, um específico da piscina natural e outro do recife de escudo, uma área próxima e que não tem tanta frequência turística e nem de banhistas. O professor e oceanógrafo Gabriel Le Campion comandou as pesquisas com alguns alunos que estavam concluindo o curso de Biologia. A universidade não dispõe de estudos frequentes sobre o ambiente marinho, até por falta de incentivo, mas alguns que foram feitos tiveram parcerias importantes, a exemplo do IMA.

A área recifal da Pajuçara vem sendo objeto de análise dos acadêmicos desde o ano 2000. Em outros pontos da orla de Maceió, Paripueira e do Francês, em Marechal Deodoro, os estudos começaram ainda na década de 1990. A ideia era estudar o bioma para entender as transformações desses locais e o impacto que vinham sofrendo a partir de inúmeros fatores.

Em 2003, a Ufal concluiu que há um amplo espaço degradado na piscina da Pajuçara. E o maior impacto estava no topo das comunidades recifais. O pisoteio dos banhistas, também dos jangadeiros, e a ancoragem das embarcações eram as responsáveis por deteriorar o ambiente. Pior do que esses dois fatores era a sedimentação.

"O estudo identificou que, em várias áreas estudadas, não havia mais espécies. Isso significa que sedimentos tomaram conta do topo dos recifes. A sedimentação acontece, geralmente, por desmatamento (destruição da vegetação ciliar, desvios de correntes litorâneas). A piscina da Pajuçara vem sendo explorada pelo turismo desde a década de 1970. Para o banho, foi bem antes. O turismo agravou a degradação dos recifes. Falta orientação aos frequentadores sobre a postura a ser adotada nas piscinas naturais", explica Gabriel Le Campion.

Ele revela que outro estudo, de 2006, mostra que a Pajuçara tem muitas áreas de pisoteio e sedimentos, o que reforça a degradação do ambiente recifal. O professor esclarece fazendo uma comparação entre onde tem menos e mais trânsito, o impacto é nítido. Percebe-se uma extensa área mais clara, onde os recifes, segundo ele, estão deteriorados por causa da grande concentração de sedimentos e do fluxo dos banhistas.

Das piscinas naturais avaliadas pela Ufal, a de Paripueira tem melhor preservação da biodiversidade. O professor lembra que, em 1997, uma parceria da universidade com o projeto Mar e Companhia, principal explorador daquela área, recuperou boa parte das comunidades recifais. Os estudantes fizeram estágio nessas áreas e contribuíram na orientação ao turista. **16/PCO**
Leia mais na página D8

FERTILIDADE

ZONA DE EXCLUSÃO VAI AJUDAR A REPOVOAR RECIFES

Piscina do Amor deve produzir organismos para reconstituir áreas degradadas

As pesquisas acerca da criação da zona de exclusão começaram há quatro anos e tiveram a contribuição da Ufal. O professor Gabriel Le Campion reforça que a decisão de se preservar a Piscina do Amor foi tomada por causa do resultado dos estudos científicos executados na última década. O levantamento mostrou não somente o desaparecimento de espécies, mas de várias comunidades recifais, que é muito mais grave.

"O recife que escolhemos não tem muita frequência (garante uma melhor qualidade da área que se pretende preservar), é um recife-escudo (sendo o principal protetor da Praia da Pajuçara contra os mecanismos de erosão marinha) e é responsável por barrar a direção dos ventos. O nosso objetivo é tentar manter uma zona de organismos que possam repovoar os recifes anexas, dada a proximidade com a piscina da Pajuçara. A enseada da Pajuçara ainda tem uma biota por causa desse recife-escudo", pontua.

Segundo explica o professor, a fruição de sedimentos da Pajuçara é diferente da encontrada na enseada vizinha. Os grãos mais grossos estão mais concentrados na Ponta Verde, sobretudo nas proximidades do extinto Alagoinhas. "O déficit sedimentar leva ao mecanismo erosivo na Pajuçara, provocado pelo dique do Alagoinhas, que está no mar. Não se tem um estudo aprofundado das correntes para saber onde os sedimentos vão parar. Sabe-se, por enquanto, que a corrente litorânea que passa pela Ponta Verde está levando os sedimentos para a área de Pajuçara e se concentrando sobre os recifes, acabando com as comunidades", diz.

A enseada da Pajuçara está virando um lamaçal, de acordo com Le Campion. "Quem segura a praia é o recife e não estamos fazendo nada para preservá-lo. Pelo contrário: estamos jogando esgoto e sedimento sobre eles. Temos provas suficientes de que

para ter mais energia, é preciso que o recife esteja preservado e forte. E as comunidades mantêm o recife estruturado", completa.

A ideia de proteger o recife de escudo é fazer

o que gera mais energia. Para ter mais energia, é preciso que o recife esteja preservado e forte. E as comunidades mantêm o recife estruturado", completa.

A ideia de proteger o recife de escudo é fazer

o que gera mais energia. Para ter mais energia, é preciso que o recife esteja preservado e forte. E as comunidades mantêm o recife estruturado", completa.

A ideia de proteger o recife de escudo é fazer

o que gera mais energia. Para ter mais energia, é preciso que o recife esteja preservado e forte. E as comunidades mantêm o recife estruturado", completa.

A ideia de proteger o recife de escudo é fazer

o que gera mais energia. Para ter mais energia, é preciso que o recife esteja preservado e forte. E as comunidades mantêm o recife estruturado", completa.

A ideia de proteger o recife de escudo é fazer

BIODIVERSIDADE AMEAÇADA NA ENSEADA DA PAJUÇARA

